



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES/ICHCA  
CURSO DE JORNALISMO

RELATÓRIO TÉCNICO DE TRABALHO  
DE CONCLUSÃO DE CURSO

**MULHERES ALAGOANAS: UMA ANÁLISE DAS CONDIÇÕES DE VIDA A  
PARTIR DO JORNALISMO DE DADOS**

ORIENTADOR: Vitor José Braga Mota Gomes

LÍVIA REBECA SILVA TENÓRIO

MACEIÓ - AL

2024

LÍVIA REBECA SILVA TENÓRIO

**MULHERES ALAGOANAS: UMA ANÁLISE DAS CONDIÇÕES DE VIDA A  
PARTIR DO JORNALISMO DE DADOS**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Jornalismo, da  
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)  
Campus A.C. Simões, como requisito  
parcial para obtenção do diploma.

Orientador: Prof. Dr. Vitor Braga

MACEIÓ - AL

2024

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecária: Helena Cristina Pimentel do Vale – CRB4 –661

T312m Tenório, Livia Rebeca Silva.  
Mulheres alagoanas : uma análise das condições de vida a partir do jornalismo de dados / Livia Rebeca Silva Tenório. – 2024.  
32 f : il.

Orientador: Vitor Braga.  
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo) – Universidade Federal de Alagoas, Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Maceió, 2024.

Bibliografia: f. 14.  
Apêndices: f. 15.

1. Jornalismo de dados. 2. Mulheres alagoanas. 3. Condições sociais. I. Título

CDU: 070:316.7-055.2(813.5)

## **Folha de Aprovação**

LÍVIA REBECA SILVA TENÓRIO

### **MULHERES ALAGOANAS: UMA ANÁLISE DAS CONDIÇÕES DE VIDA A PARTIR DO JORNALISMO DE DADOS**

Relatório Técnico submetido ao corpo docente da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

#### **Banca Examinadora:**

---

Orientador: Dr. Vitor José Braga Mota Gomes  
(Universidade Federal de Alagoas)

---

Examinadora: Mercia Sylvianne Rodrigues Pimentel  
(Universidade Federal de Alagoas)

---

Examinadora: Elvira Simões Barretto  
(Universidade Federal de Alagoas)

*Maria, Maria é um dom, uma certa magia  
Uma força que nos alerta  
Uma mulher que merece viver e amar  
Como outra qualquer do planeta  
Maria, Maria é o som, é a cor, é o suor  
É a dose mais forte e lenta  
De uma gente que ri quando deve chorar  
E não vive, apenas aguenta*

*Maria, Maria - Milton Nascimento e Fernando Brant*

## AGRADECIMENTOS

Finalizo esta fase com o coração repleto de satisfação, felicidade e, sobretudo, gratidão. Agradeço primeiramente a Deus por ter me guiado e me dado sabedoria ao longo desses mais de quatro anos de graduação; e, em segundo, a minha amada mãe, Maria Lídia da Silva. Tudo que sou devo ao seu esforço em me dar desde sempre as oportunidades que lhe foram negadas quando jovem.

Agradeço a cada mulher que passou pela minha vida e se consolidou como exemplo de força e coragem. Mães, profissionais, donas de casa, pesquisadoras, a maioria exercendo praticamente todas essas funções. Nós, mulheres plurais.

Deixo aqui meu agradecimento a professora Sanielly, de língua portuguesa e redação no colégio Paulo Freire, única escola que conheci desde o jardim de infância até o final do ensino médio. Foi ela quem me deu a ideia de cursar jornalismo, porque eu, no auge dos meus 17 anos, como todo jovem prestes a concluir o ensino básico, sabia que precisava entrar na universidade, mas pra que fazer o quê? Não tinha a resposta. Entrei no curso seguindo a sugestão de alguém que acreditou em mim e disse “é sua cara”, não demorei a descobrir que não é apenas minha cara, sou eu por inteira.

Foi no jornalismo que encontrei não só uma profissão, mas uma forma de me expressar e servir como porta voz daqueles que precisam ser ouvidos. Obrigada Isllane por ter me indicado pra Clariza lá em 2020, me dando a chance de ter o meu primeiro estágio. Obrigada Clariza por ter aceitado a sugestão. E foi no primeiro estágio que tive a certeza de ter escolhido o caminho certo, ao lado de profissionais incríveis eu pude aprender e viver vários dos melhores momentos que tive até aqui. Deixo um agradecimento em especial a minha chefe e amiga, Janylle Bezerra, por ter tido a maior paciência do mundo comigo no começo, quando eu não sabia que tínhamos motorista na empresa e perguntei qual ônibus teria que pegar para ir até a pauta. Aprendo com você todos os dias.

E com certeza eu não teria chegado tão longe sem o apoio dos meus amigos, com quem tenho o prazer de compartilhar não só as alegrias, mas os desconfortos da vida. Lucas, Luísa e Anna, obrigada por estarem presentes, por apoiarem e criticarem, na medida certa, quando necessário. Agradeço também por serem meus personagens quando preciso.

Maria Salete, Maria Lídia, Jacqueline Chagas, Janylle Bezerra, Teca Nelma, Kátia Born e Renata Pais, obrigada por terem aceitado participar e compartilhar suas histórias comigo.

Agradeço às entidades, institutos, organizações e agentes públicos que possibilitaram a existência dessa pesquisa, fornecendo os dados secundários que precisei para essa reportagem.

Agradeço a todos os professores que tive desde os meus 4 anos, em especial a todos os docentes de Jornalismo e Relações Públicas, vocês fizeram toda a diferença. Por fim, agradeço ao meu orientador Vitor Braga por ter me guiado até aqui, obrigada por não ter tornado esse processo mais difícil do que já é. Com a entrega do TCC finalizo um ciclo, ao mesmo tempo que começo outro. Que seja belo.

## RESUMO

Este relatório é resultado da produção de uma reportagem multimídia - do tipo *longform* - que tem como intuito analisar as condições de vida das mulheres de Alagoas. A partir do trabalho com o jornalismo de dados, procuramos traçar um comparativo ao longo dos anos e com os demais estados do país de várias questões, desde o acesso a serviços essenciais até a participação no mercado de trabalho. A reportagem ficou dividida em cinco capítulos, cada um deles aprofundando temas de economia, educação, segurança, saúde e direitos humanos. Além dos dados, as matérias também contaram com relatos de mulheres de acordo com as questões apresentadas. O referencial teórico teve como base as considerações de Silva (2007), Azevedo (2021), Bandeira (2015), e Stray (2016), entre outros. Para a construção do produto, a metodologia utilizada envolveu a coleta de dados disponibilizados em bases de dados fornecidas pelo IBGE, Fórum Brasileiro de Segurança Pública, SIDRA, dentro outras; mediante a solicitação de dados estaduais mais específicos via Lei de Acesso à Informação; e a partir de entrevistas com as personagens. Como resultado, produzimos gráficos através de *softwares*, redigimos uma reportagem *longform* e hospedamos em uma plataforma on-line. Nessa perspectiva, esperamos que o produto possa apresentar um quadro da realidade das alagoanas por meio de estatísticas relevantes, capazes de evidenciar o aumento, a queda ou a permanência na qualidade de vida dentro do período analisado, dando voz às mulheres que sentem na pele o impacto desses números.

**Palavras-chave:** Mulheres alagoanas; jornalismo de dados.

## **ABSTRACT**

*This report is the result of the production of a multimedia report that aims to analyze the living conditions of women in Alagoas through data journalism, drawing a comparison over the years and with the other states in the country. The reports were divided into five chapters, each of which delves into the themes of economy, education, security, health and human rights. In addition to the data, the materials also included reports from women according to the proposed topic. The theoretical framework was based on the considerations of Silva (2007), Azevedo (2021), Bandeira (2015), and Stray (2016), among others. To build the product, the methodology used involved collecting data made available in databases provided by IBGE, Brazilian Public Security Forum, SIDRA, among others; also the request for more specific state data via the Access to Information Law, conducting interviews with the characters, producing graphics using software, writing the report and structuring the posts using an online platform. From this perspective, the product sought to present the reality of Alagoas residents through data and evaluate the increase, decrease or persistence in quality of life within the analyzed period, giving a voice to women who feel the impact of these numbers firsthand.*

**Keywords:** *alagoas women; data journalism.*

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	. . . . .	<b>1</b>
<b>2. OBJETIVOS</b>	. . . . .	<b>3</b>
<b>3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	. . . . .	<b>4</b>
<b>4. PROCESSO DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DO TRABALHO</b>	. . . . .	<b>7</b>
<b>5. RESULTADOS E DISCUSSÃO</b>	. . . . .	<b>10</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	. . . . .	<b>12</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	. . . . .	<b>14</b>
<b>APÊNDICE</b>	. . . . .	<b>15</b>

## INTRODUÇÃO

O jornalismo tem se reinventado com o passar dos anos de acordo com as necessidades impostas à profissão, considerando também o surgimento de novas formas de produzir e apresentar notícias. As possibilidades que nasceram em decorrência das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) propiciam um aumento de informações disponíveis publicamente. Além de portais, mídias sociais e *blogs*, há também bases de dados *on-line* que podem ser utilizadas como fontes para pautas de interesse público.

Com essas bases disponibilizadas publicamente, sobretudo após a promulgação da Lei de Acesso à Informação (LAI), acompanhamos o surgimento de ferramentas que possibilitam aos profissionais do jornalismo trabalharem com informações específicas e produzirem pautas segundo os dados obtidos e analisados. Nesse contexto, o jornalismo de dados traz à tona fatos que até então não eram de conhecimento geral, por estarem “escondidos” ao público.

O jornalismo de dados desempenha um papel crucial no jornalismo brasileiro contemporâneo, oferecendo uma abordagem mais rigorosa, analítica e acessível à informação. Desde dados sobre aumento no número de doenças, quanto o governo atual investe em educação básica quando comparado com a gestão anterior à avaliação de como vive a população de determinado lugar.

Neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), trataremos cinco capítulos que avaliam como vivem as mulheres de Alagoas com base em dados públicos. Traçando um comparativo com os demais estados da região Nordeste e o restante do país, além de analisar o aumento, queda ou permanência dos resultados ao longo dos anos mais recentes.

Aliado ao jornalismo de dados, optamos por uma reportagem *longform* - um tipo de produção jornalística caracterizada pela profundidade, pela extensão e pela narrativa detalhada. Ao contrário das notícias tradicionais, que tendem a ser curtas e focadas no factual, as reportagens com essa caracterização exploram em uma abordagem multimídia um assunto específico, analisando-o em um maior detalhamento e oferecendo análises mais complexas e reflexivas.

Além dos números, a pesquisa vai contar com o relato de diversas mulheres que compartilharam suas vivências de acordo com o tema solicitado. Maria Goretti relata sua trajetória e as dificuldades que enfrentou ao longo de sua carreira até se consolidar como diretora de TV; Salete fala sobre a infância que teve e como, naquela época, o estudo foi algo negado a ela por ser visto como “menos importante do que cuidar da família”; Janylle traz sua relação com a maternidade e os desafios muitas vezes romantizados pela sociedade em relação

às mães; Renata Pais fala sobre sua batalha contra o câncer de mama e como o apoio de pessoas próximas e o tratamento humanizado foram fundamentais para enfrentar a doença; Teca Nelma e Kátia Born relatam sua trajetória política e desabafam sobre os desafios que enfrentam (por serem mulheres) como parlamentares, dentro e fora da Câmara.

Todas têm em comum a luta contra um que subjuga todas as mulheres nas mais diversas esferas da vida. Embora cada mulher seja única, as experiências compartilhadas por elas podem ser identificadas e compreendidas por outras, mesmo que nunca tenham trocado uma palavra ou sequer se conheçam. Também a visão de profissionais em suas respectivas áreas, sendo a maioria também mulheres, explicando os resultados apresentados.

O interesse pelo tema parte da minha paixão pelo jornalismo de dados e como através dele podemos expor fatos, sem muito espaço para dúvidas ou contestações, apenas compreender e entender o porquê de tais resultados. E avaliar as condições em específico das mulheres alagoanas, parte da minha curiosidade em saber se hoje, tanto eu como outras mulheres da mesma idade, realmente vivemos melhor do que as que viveram no estado há 10 anos, por exemplo.

Os tópicos, por sua vez, buscam englobar outras questões dentro de cada um deles. A interseccionalidade também se faz presente na pesquisa, com recortes voltados para raça e classe social. Embora sejam mulheres, as experiências tendem a se diferenciar a partir dessas questões, apresentando resultados diferentes dentro da mesma esfera. A importância das reportagens se dá pela necessidade de entender se as alagoanas tiveram melhoras significativas na sua vida ao longo dos anos, e como se configura dentre os demais estados do país. Ao trazer essas análises, busco expor a realidade do local onde vivo e a necessidade de políticas cada vez mais voltadas para esse público, na tentativa de melhorar o cenário atual. Com os relatos, pretendo humanizar cada tópico e mostrar que, para além de números, somos profissionais, mães, alunas, somos mulheres.

## 1. OBJETIVOS

### Objetivo geral:

- Produzir uma reportagem *longform* baseada em dados secundários, para abordar as condições de vida das mulheres de Alagoas sob diversos aspectos.

### Objetivos específicos:

- Expor dados referentes a aspectos econômicos, de segurança, saúde, direitos humanos e educação das mulheres do estado de Alagoas;
- Desenvolver uma plataforma *online* para hospedar o conteúdo produzido - visual e textual;
- Desenvolver uma série de visualizações a partir dos dados análises: gráficos, tabelas e mapas;
- Comparar os números mais recentes compilados pelas instituições com os de anos anteriores para constatar se houve melhora ou piora na qualidade;
- Trazer a visão de especialistas para compreender o impacto desses números na vivência das mulheres.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Conforme apontam Bandeira e Almeida (2013), a articulação das políticas públicas voltadas para questões de gênero no país é recente.

Desde os anos 1980, o movimento de mulheres no Brasil reivindica que os governos elaborem e atuem na construção de políticas públicas tendo como foco as mulheres como cidadãs. A crescente participação feminina cumprindo tarefas públicas, no mercado de trabalho, na educação, nos espaços públicos, fortalece esta demanda, cria novas exigências e desafios na elaboração e execução de políticas públicas. (GODINHO; SILVEIRA, 2004, p. 55).

Dessa forma, é papel do Estado diminuir as desigualdades sociais, considerando as problemáticas de gênero, modificando relações de poder e o acesso das mulheres a direitos em sua dimensão social e política. Inicialmente, se faz necessário reconhecer a existência dessas desigualdades e entender seu papel como agente de transformação da realidade de um grupo. As políticas públicas estabelecem regras e procedimentos para as relações entre o poder público e a sociedade, orientando as ações que envolvem aplicações de recursos e a mudança de posições dos diversos grupos sociais através de medidas reparatorias e redistributivas (SOUZA, 2006).

Na década de 1980, o Brasil assumiu um compromisso internacional em relação ao comprometimento com a criação de normas e promoção da igualdade racial e sexual discutidas em todo o mundo nas diversas Conferências Mundiais sobre as Mulheres. Todavia, apenas na primeira década do presente século que o Estado assume um compromisso mais explícito em torno do tema das políticas públicas para as mulheres. Tais como:

(...) um consenso geral que se refere ao reconhecimento de que mulheres e homens têm diferentes necessidades e prioridades e que as mulheres e os homens devem ter a experiência [de vida] em iguais condições de realizar seus direitos humanos, e ter a oportunidade de contribuir e se beneficiar do desenvolvimento nacional, político, econômico, social e cultural. (CIDA, 1999 *apud* MOSER, 2005, p.12 *apud* PAPA, 2012, p. 22).

Falando especificamente das mulheres que vivem em Alagoas, os dados comprovam que índices de empregabilidade, renda, acesso à saneamento, e as taxas de feminicídio oscilam ao longo dos anos. Se faz necessário compreender que não se trata de um mero acaso e conhecer o papel do Estado nessas mudanças.

### 3.1. Jornalismo de dados como meio para lidar com desigualdades de gênero

Fidalgo acredita que as bases de dados são a maior contribuição da internet para o jornalismo. “A grande diferença entre um jornal online feito apenas em HTML é que de um

certo modo ele é um produto único, ainda que recorrendo aos templates, ao passo que um jornal assente em base de dados é sempre o resultado de uma determinada pesquisa”. (FIDALGO, 2010, p.3).

O uso de dados possibilita a criação de narrativas jornalísticas inovadoras. Ao combinar análise de dados com técnicas narrativas, como a reportagem de texto, os(as) jornalistas podem contar histórias mais complexas e envolventes, proporcionando uma compreensão mais aprofundada dos eventos e questões abordadas (Barbosa, 2007). Nessa perspectiva, entendemos que a opção pelo jornalismo de dados em nosso trabalho foi partindo do princípio de que pode desempenhar um papel importante na abordagem de questões de gênero na sociedade brasileira, pois acreditamos em sua capacidade de oferecer uma abordagem capaz de analisar e revelar desigualdades de gênero de maneira objetiva e fundamentada.

O jornalismo de dados é atualmente uma das áreas mais promissoras e com potencial de crescimento e expansão dentro da área jornalística. Para Stray (2016), a vida dos dados tem três partes: quantificação, análise e comunicação. “A quantificação é o processo que cria dados. A análise envolve reorganizar os dados ou combiná-los com outras informações para produzir novos conhecimentos. E nada disso é útil sem comunicar o resultado” (STRAY, 2016).

O jornalismo de dados permite uma investigação mais profunda e precisa dos fatos, fornecendo uma base sólida para reportagens e análises. Isso aumenta a credibilidade do jornalismo, pois as informações são fundamentadas em dados verificáveis e não apenas em conjecturas ou opiniões. De acordo com Mancini e Vasconcellos (2017), o uso de dados pode ajudar a superar as limitações do jornalismo tradicional, garantindo maior precisão e transparência.

Ao analisar e divulgar dados sobre questões de interesse público, o jornalismo de dados promove a transparência governamental e empresarial. Isso pode levar a um maior escrutínio público e a uma maior responsabilização das instituições (Barbosa, 2007). Por outro lado, pode estimular debates e promover ações para enfrentar esses problemas em nível individual e institucional. Ao longo dos anos, os estudos voltados para organização e análise de tabelas foram evoluindo, o que acarretou na extração dos mais diversos conteúdos, sobretudo aqueles considerados inacessíveis ao grande público. Por mais que existam e possam ser acessados por qualquer pessoa com internet, sua organização e interpretação limita-se a um nicho que consegue interpretá-lo, conforme descreve Stray (2016):

Toda análise de dados é realmente interpretação de dados, o que requer muito mais do que matemática. Os dados precisam de contexto para significar qualquer coisa: Imagine se alguém lhe deu uma planilha sem colunas nomeadas. Cada conjunto de dados pode ser a fonte de muitas histórias diferentes, e não há nenhuma teoria objetiva

que nos diz quais histórias verdadeiras são as melhores. Mas as histórias ainda têm de ser verdade, que é onde o jornalismo de dados se baseia em princípios estatísticos estabelecidos.

Com o *database* devidamente estruturado e tratado a pauta surge conforme o conjunto de índices apresentados. Nesse contexto, os dados não apenas complementam a reportagem, mas apontam o direcionamento a ser seguido a partir deles.

A visualização de dados é uma parte integrante do jornalismo de dados. Gráficos, mapas interativos e infográficos ajudam a tornar a informação mais compreensível e atraente para o público. Isso é crucial em um contexto onde a sobrecarga de informações é comum, facilitando a compreensão e a retenção da informação (Macini & Vasconcellos, 2017). Nessa perspectiva, o jornalismo de dados pode ser um norteador na produção de reportagens *longform*, fornecendo uma base de análise e suportando a narrativa - detalhada, esmiuçada - que caracteriza esse tipo de produção.

### 3. PROCESSO DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DO TRABALHO

A pesquisa foi a primeira etapa para a produção desta reportagem *longform*, buscando dados secundários inicialmente pelas Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad) através do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Outros foram obtidos de bases de dados disponíveis pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, pelo Atlas Brasil e pelo Sistema Eletrônico do Serviço de Informação ao Cidadão (e-SIC Alagoas), cujos dados podem ser obtidos via Lei de Acesso à Informação (LAI). Os dados obtidos a partir da LAI são uma via de mão dupla: apesar dos dados compilados virem de acordo com o protocolado, o tempo de resposta é de até 20 dias, o que acaba atrasando a produção.

Além disso, alguns dos dados necessários para compor a pesquisa eram antigos, pois deixaram de receber atualização dos institutos competentes. Em 2021, uma decisão do Governo Federal impossibilitou a realização do Censo do IBGE, alegando falta de recursos<sup>1</sup>. A pesquisa é essencial para a elaboração de políticas públicas em todos os níveis, além da distribuição e aplicação de recursos.

Após a compilação dos dados, o próximo passo foi elencar quais pautas seriam abordadas dentro dos cinco capítulos previamente escolhidos. Para isso foi feita uma planilha no Google Sheets onde foram discutidos os tópicos a serem abordados. Em seguida, estruturamos as possíveis fontes de onde os dados seriam obtidos, os links dos databases encontrados e quais os tipos de gráficos seriam usados em cada informação.

A escolha por uma reportagem *longform* ocorreu pelo fato de o formato possibilitar que cada tema fosse tratado dentro de sua especificidade sem misturar com os outros tópicos, facilitando o aprofundamento.

Em posse dos dados, o próximo passo foi o tratamento, aplicando fórmulas para obter resultados quantitativos. A maior parte se deu via Google Sheet e as ferramentas de filtro disponibilizadas pelo pacote, que permite organizar as bases de dados. Em relação aos gráficos, a atividade foi feita através de dois *softwares* on-line: Flourish<sup>2</sup> e Datawrapper<sup>3</sup>. Escolhidos por sua praticidade e eficiência no resultado. O Flourish é uma plataforma de visualização de dados que permite transformar tabelas em gráficos, mapas e diagramas. Sendo uma das principais

---

<sup>1</sup> Mais detalhes sobre o corte do orçamento em: [https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/30350-ibge-sai-em-defesa-do-orcamento-do-censo-2021#:~:text=O%20Censo%20Demogr%C3%A1fico%2C%20previsto%20para,\(CMO\)%20do%20Congresso%20Nacional.](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/30350-ibge-sai-em-defesa-do-orcamento-do-censo-2021#:~:text=O%20Censo%20Demogr%C3%A1fico%2C%20previsto%20para,(CMO)%20do%20Congresso%20Nacional.)

<sup>2</sup> Disponível em: <https://app.flourish.studio/>

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.datawrapper.de/>

ferramentas para visualização de dados por meio de interfaces gráficas na web. O Datawrapper é mais uma ferramenta online para fazer gráficos interativos. Simples de usar, até para infográficos e ilustrações mais complexas. Ambos têm em comum sua praticidade, não sendo necessário saber programar para manipulá-los.

Foram produzidos 47 gráficos, 27 pelo Flourish e 12 pelo Datawrapper. Desse total, 39 foram utilizados ao longo dos 5 capítulos, inseridos de acordo com o segmento proposto pela pauta. Na reportagem, os gráficos feitos através do Datawrapper se destacam pela interatividade, ao passo que os elaborados pelo Flourish foram disponibilizados em formato de imagem, pois a plataforma destinada não se mostrou eficaz para a incorporação das produções.

Para a escolha das personagens foi pensado em mulheres que se enquadraram em cada tópico através da sua especificidade, mesmo processo para escolha das fontes. Na pauta, também foram definidas as possíveis perguntas-base que poderiam ser feitas para nortear a entrevista.

Os contatos foram levantados, alguns deles já conhecidos por meio do contato e experiência local de mercado, e outros foram captados por meio do auxílio de profissionais da área. O primeiro contato com as personagens principais foi feito através do aplicativo de mensagens WhatsApp, oferecendo a opção de respostas por áudio para facilitar o retorno das entrevistadas. Para os áudios mais longos, fiz uso do *bot* ViraTexto, uma Inteligência Artificial (I.A.) de decupagem de áudios via WhatsApp e o GoodTape para áudios maiores que 4 minutos. Além dos relatos, solicitei fotos das personagens para compor a reportagem, pelo fato do contato presencial se mostrar inviável devido a rotina tanto minha, quanto das entrevistadas. O *deadline* proposto foi de até três dias após o envio das perguntas.

Ao partir para a escrita da reportagem, todo o material foi registrado no Google Docs, visando o rápido acesso aos arquivos e a proteção de documentos salvos na nuvem. Após o término da escrita na plataforma, foi feita uma revisão geral dos capítulos, onde uma série de reajustes foram feitos. Em seguida, a edição da reportagem foi feita, já pensando em como ela seria reproduzida no Medium<sup>4</sup>. Dessa forma, já escolhemos os gráficos utilizados e onde eles estariam situados.

A reportagem possui o total de 10 gráficos no primeiro capítulo, 5 no segundo, 5 no terceiro, 10 no quarto e 9 no quinto; 2 fotos autorais e 8 de acervo. Concomitantemente ao processo de hospedagem foi escolhida a plataforma *on-line* Medium, por entendermos ser uma rede capaz de fornecer um espaço para escritores, jornalistas, blogueiros e especialistas

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://medium.com/>

compartilharem ideias e histórias com o público. A plataforma permite também a customização da página pessoal, em um formato semelhante aos *blogs*, além de facilitar a estruturação das reportagens, permitindo o uso de recursos variados.

A escolha do Medium se deu ainda devido à sua praticidade e facilidade de hospedagem, não sendo necessário programar nenhuma página para publicar na *web* a reportagem. A plotagem dos gráficos também se mostrou mais eficaz do que em outras opções consideradas. Além disso, a rede possibilita uma leve customização da página mesmo em seu modo gratuito.

Após diversos ajustes, adaptação e organização dos materiais, foi feita uma revisão geral e a série de reportagens foi concluída e postada no perfil Mulheres em Dados<sup>5</sup>. No perfil, são encontrados os 5 capítulos, podendo ser lidos em qualquer ordem, conforme preferência do leitor. Todos estão exibidos na página inicial.

A identidade visual da página foi pensada seguindo as possibilidades oferecidas pela plataforma. No *background* escolhemos uma ilustração que reforçasse o conceito de mulheres plurais definido pela reportagem. Para o cabeçalho exploramos os tons do verde, seguindo a paleta de cores dos gráficos utilizados ao longo das matérias, como pode ser visto abaixo. E a topografia utilizada é a que segue o padrão adotado pelo Medium.

**Figura 1: cabeçalho elaborado para a reportagem *longform*.**



Fonte: projeto experimental.

---

<sup>5</sup> Disponível em: [https://medium.com/@livia\\_tenorio19](https://medium.com/@livia_tenorio19)

## 5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Esta pesquisa concluiu que os resultados do estado de Alagoas a depender da questão avaliada não fica tão atrás do que foi registrado nos demais estados da região Nordeste, a exemplo da taxa de ocupação. Além disso, o número de contratações de mulheres no estado se consagra como a maior da última década. Tais resultados constataram avanços, com tendência para uma evolução ainda maior no decorrer do tempo.

Em contrapartida, na questão de segurança, os dados revelaram que Alagoas apresentou, além da segunda maior taxa de feminicídios do Nordeste, um aumento no número de casos entre 2022 e 2023. Os casos de *stalking* alcançaram a preocupante marca de 568 Boletins de Ocorrência (B.O.) registrados em apenas um ano, assim como, os boletins por assédio sexual, que chegaram a 62, com mais da metade deles sendo realizados na capital.

O trabalho constatou também, que a quantidade de mulheres inscritas no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) vem caindo desde 2016, com o menor período de inscrições tendo ocorrido no segundo ano da pandemia de Covid-19, em 2021. Apesar disso, mulheres são maioria no ensino superior do estado.

Com relação a taxa de fecundidade, uma das reportagens revelou que a média é de menos de dois filhos por mulher. Este número já foi de 6,3 filhos por mulher em 1960 e hoje está abaixo da taxa de reposição populacional do IBGE, de 2,1. As mortes de alagoanas acometidas também têm aumentado nos últimos anos, apesar dos avanços na medicina, conforme apontou a pesquisa.

Mas um dado positivo revelado é referente à participação das mulheres na política. Na Câmara dos deputados, por exemplo, o número de deputadas foi maior do que o registrado na eleição anterior, saindo de 77 para 91 deputadas federais eleitas. Foi na última eleição também, segundo revelado pelo trabalho, que contabilizou o maior número de deputadas federais desde a década de 90. Apesar do avanço, no âmbito estadual, quando olhamos para o governo, até hoje nenhuma mulher foi eleita para o cargo, e aquelas que, atualmente são parlamentares, ainda sofrem com ataques machistas de outros políticos.

Apesar de avanços em algumas áreas, através dos relatos a pesquisa mostrou como, em situações cotidianas, as mulheres ainda precisam lidar com situações machistas, e o impacto disso na suas vidas. Seja no âmbito profissional ou nos relacionamentos românticos, ele persiste em se manter presente.

Por fim, este trabalho concluiu que apesar de o estado ter evoluído em algumas questões e ter trabalho em políticas públicas, visando cada vez mais minar resultados negativos, ainda temos um longo caminho a percorrer, sobretudo, no quesito machismo estrutural.

Diversos dados são coletados no momento e, posteriormente, divulgados sempre atualizando e apresentando novos cenários. Sendo assim, esta pesquisa tem intenção de continuar e reforça a necessidade de estarmos atentos para o que esses números representam na vida das mulheres e o papel do estado em prover mudanças através de políticas públicas, visando cada vez mais melhorar a vida daqueles que precisam.

## 6. CONSIDERAÇÕES

Apresentar dados referentes a vida das mulheres do estado onde moro se deu através de uma curiosidade genuína e um interesse pelo jornalismo de dados, o qual acredito ser uma ferramenta útil e inovadora na forma de fazer jornalismo. Um dos entraves se deu pela defasagem desses dados, com alguns estando desatualizados a certo tempo, o que de certa forma, compromete um pouco a análise.

Nessa perspectiva, compreendemos o jornalismo de dados enquanto um vetor capaz de pressionar instituições governamentais, empresas e outras organizações a prestarem contas por políticas e práticas que estejam perpetuando desigualdades de gênero. Ao expor dados que demonstram lacunas de gênero, os profissionais da comunicação podem incentivar mudanças e medidas corretivas.

Como citado, o Censo foi adiado em 2021 por uma decisão do Governo Federal da época, atestando falta de recursos. Quando aprofundei a pesquisa vi que não apenas o Censo, mas a Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), por exemplo, também não é atualizada desde 2019. A elaboração e divulgação desses dados não servem apenas para pautas de jornalistas ou temas de TCC, pelo contrário, é através destas pesquisas que surgem a necessidade de políticas públicas voltadas para determinados setores. Para além disso, servem para nortear a distribuição e aplicações dos recursos.

Em relação às ferramentas de ilustração gráfica, elas não eram estranhas a mim porque venho estudando de forma independente desde 2022. O interesse surgiu após ter participado de um *workshop*, que contou com a apresentação da Agência Tatu<sup>6</sup>, pioneira em jornalismo de dados no estado. A partir daí, fiz um curso na UdeMY, voltado para o tema e passei a elaborar algumas pautas de maneira independente.

A questão de gênero foi algo também de caso pensado, porque quanto mulher sei o que é passar na pele alguns desconfortos apenas por causa do meu gênero. Em conversas com mulheres mais velhas, via que algumas queixas eram semelhantes, apesar da diferença de idade. A sensação que tinha era que aparentemente havíamos parado no tempo. Ao dar início a disciplina de Desenvolvimento Orientado de Projeto (DOP) soube na hora que o tema não poderia ser outro, precisava ter certeza se havíamos, de fato, evoluído quanto sociedade.

O processo de entrevistas não era estranho, pois desde o final de 2020 já vinha exercitando a prática através de estágios. Mas é sempre gratificante ouvir histórias novas e, por

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.agenciatatu.com.br/>

meio do jornalismo, me conectar com as pessoas. Felizmente todas se mostraram dispostas a compartilhar seus relatos comigo, e busquei trazê-los da melhor forma.

O TCC em si não foi um processo tão complicado quanto achei que seria, o maior desafio foi conseguir conciliar com as disciplinas que ainda estou pagando, o estágio e a vida pessoal. O tempo foi meu maior rival, algumas noites sem dormir e algumas saídas de fim de semana se fizeram necessárias ao longo desses 4 meses de trabalho. Também tive dificuldades ao término das reportagens, na questão de hospedagem, tendo tentado inicialmente hospedá-la no Wix, mas com dificuldades referentes a plotar os gráficos. Tendo optado pelo Médium, que me serviu bem.

Com tudo finalizado, foi gratificante ver o resultado de todo trabalho e sentir orgulho do que consegui fazer com a ajuda do meu orientador. Dar voz a quem precisava ser ouvido e expor uma realidade ainda que não muito agradável. Mas é através da tomada de consciência da realidade, que podemos nos organizar quanto sociedade e arquitetar mudanças.

Esperamos também que o debate no qual estamos ora levantando, a partir do jornalismo de dados, possa contribuir no combate a estereótipos de gênero ao apresentar análises que contradizem narrativas sexistas e preconceituosas. Isso é crucial para promover uma compreensão mais ampla e inclusiva das experiências e realidades das mulheres na sociedade, em especial no contexto alagoano.

Concluo esta fase com fé em dias melhores e mais justos, que possamos viver em um mundo com dignidade e equidade. Que os relatos de desconfortos registrados nesta pesquisa, não sejam replicados por outras mulheres no futuro. Que os números mostrados aqui melhorem cada vez mais, sejam constantemente atualizados e o acesso cada vez mais transparente. Viveremos com educação de qualidade, viveremos com acesso digno à saúde, viveremos sem medo, viveremos.

## REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Maria; ALMEIDA, Tânia. **A transversalidade de gênero nas políticas públicas**. Universidade de Brasília, Revista do Ceam, v.2, 2013. Disponível em: <[Vista do A transversalidade de gênero nas políticas públicas \(unb.br\)](#)> Acesso em: 12 de maio de 2023.
- BRASIL. Lei 12.527/2011, sancionada em 18 de novembro de 2011. Regulamenta o direito constitucional de acesso dos cidadãos às informações públicas e é aplicável aos três poderes da União, dos estados, do Distrito Federal e dos municípios. Publicação Original [Diário Oficial da União- Edição Extra de 18/11/2011] (p. 1, col. 1).
- FIDALGO, Antônio. **Sintaxe e semântica das notícias online: Para um jornalismo assente em bases de dados**. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2010. Disponível em: <[bocc.ubi.pt/pag/fidalgo-jornalismo-base-dados.html](#)> Acesso em: 12 de maio de 2023.
- GODINHO, Tatau. **Políticas públicas e igualdade de gênero**. Coordenadoria Especial da Mulher, 2004, p. 55.
- MANCINI, Leonardo; VASCONCELLOS, Fábio. **Jornalismo de Dados: conceito e categorias**. **Revista Fronteiras: estudos midiáticos**, v. 18, n. 1, p. 69-82, janeiro/abril 2016.
- MARTINS, Lucas. **O uso de bases de dados digitais no jornalismo a partir do caso Panama Papers**. 2019. p. 9- Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2019.
- MOSER, C.; MOSER, A. Gender mainstreaming since Beijing. In: PORTER, F. e SWEETMAN, C. (orgs.). **Mainstreaming Gender in development**. Philadelphia: Oxfam GB, 2005, p. 11-22.
- SOUZA, Celina. **Políticas Públicas: Uma revisão da literatura**. Sociologias, Porto Alegre, ano.8, n. 16, p. 20-45, jul/dez 2006.
- STRAY, Jonathan. **The curious journalist's guide to data**. Columbia Journalism Review, 2016. Disponível em: <[The Curious Journalist's Guide to Data - Columbia Journalism Review \(cjr.org\)](#)>. Acesso em: 12 de maio de 2023.

## Apêndice

Reportagens completas

[https://drive.google.com/drive/folders/1\\_r96MH4zU\\_R-BXw2XUv3Q0-7mNMm-7HI?usp=sharing](https://drive.google.com/drive/folders/1_r96MH4zU_R-BXw2XUv3Q0-7mNMm-7HI?usp=sharing)